

COLUNA DO HERÓDOTO

Reunião do ministério termina mal



Heródoto Barbeiro (*)

Autoritário e centralizador. Estes são as duas principais características do presidente da república.

Sua origem militar reforça a ideia que a qualquer momento pode instalar uma ditadura no Brasil. O ministério que governa o país tem opositores de todos os lados. Os jornalistas não arredam pé dos becos do palácio do governo e divulgam notícias com ou sem confirmação.

Ajudam a ferver o caldeirão da crise política que se abate sobre o governo e espreitam todos os que entram e saem do prédio para que passem, em off, informações sobre os rumos que o país vai tomar. Há em andamento, paralelamente, uma crise econômica e financeira. As fábricas fecham, investidores perdem seu capital, e os tais empregos prometidos não aparecem.

Os críticos põem na conta do presidente toda a pandemia que assola o Brasil e não abre perspectiva para o crescimento econômico ou mesmo distribuição de renda e inclusão da população marginal formada no século anterior. Os debates políticos são cada vez mais acirrados no Congresso Nacional e nas ruas.

O presidente não tem tato político, acusa a oposição nos jornais que circulam na capital da república. Ele quer governar de forma centralista e é refratário às indicações das facções políticas. Há os que insistem em dizer que ele faz no governo o mesmo que sempre fez em sua carreira militar. Não ouve ninguém, diz a oposição.

Não está preparado para o cargo, não tem experiência administrativa, nem diálogo com o Congresso Nacional, atacam outros. Desconfia-se que seja partidário de um governo forte, inspirado nos ideais que contaminaram a jovem oficialidade do exército brasileiro e são repetidos pelos seus apoiadores. Os militares divulgam

manifestos a favor de um governo nacionalista, centralizador e que possa levar o Brasil a um desenvolvimento econômico e político que não tivera em um século. O presidente é legalmente eleito, tem um mandato de 4 anos e nada pode impedir que continue governando ao menos que sofra um processo de impeachment no Congresso Nacional.

Para isso é necessário o povo na rua e pressão em cima dos deputados e senadores. Ninguém acredita que isso possa acontecer. Os ministros que compõem o governo não se entendem. Há discussões e divergências que beiram um conflito físico entre eles. A ala militar se fortalece com o apoio presidente que quer impor sua vontade em até pequenos atos como a construção de um porto no Rio Grande do Sul.

A ala civil em conexão com os partidos no Congresso Nacional votam um projeto que limita os poderes do presidente da república e define o que é um crime de responsabilidade. Daí para um processo de impeachment é apenas um passo. A reação do presidente é imediata. Veta o projeto mas o senado derruba o veto presidencial.

O marechal Deodoro da Fonseca decreta o fechamento do Congresso Nacional e passa a governar como um verdadeiro ditador. É a realização dos anseios de parte da oficialidade militar influenciada pelas teorias políticas europeias no final do século 19. O golpe não se sustenta. A marinha se revolta e um tiro de canhão é disparado contra a casa do presidente da república, sem sucesso. O exército não está coeso ao seu lado.

Depois de nove meses do primeiro governo da República dos Estados Unidos do Brasil, Deodoro renuncia à presidência da república. Assume o vice, também um militar, Floriano Peixoto, cognominado o Marechal de Ferro.

(*) - É editor chefe e âncora do Jornal da Record News em multiplataforma (www.herodoto.com.br).

Seis recomendações para gestão de equipes de tecnologia

A crise causada pela Covid-19 atinge estágios críticos diariamente. Sem dúvida, a ênfase deve ser mitigar os impactos da doença, mas sem deixar de encarar com seriedade, também, os impactos econômicos. Afinal, a cada nova rodada de notícias relacionadas ao Coronavírus, combinadas com a instabilidade política, reviravoltas inesperadas acontecem.

Eliemar Júnior (*)

Em um cenário complexo, no qual as empresas buscam alternativas para manter as equipes e seguir com uma rotina razoável – mesmo diante de diversas adaptações estratégicas necessárias para os negócios – o momento requer esforços das lideranças. Mas, será que as ações de líderes têm surtido efeito? Segundo a Pesquisa Carreira dos Sonhos 2019, realizada pela Companhia de Talentos, apenas 37% dos profissionais brasileiros confiam em seus gestores.

Na gestão de times de TI, por exemplo, a confiança nos líderes é fundamental, ainda mais em um cenário cheio de complexidades e demandas por novas soluções, bem diferentes das antigas ou convencionais. O que, geralmente, se mantinha estável em médio prazo, agora passa por mudanças no curto prazo. Neste sentido, é viável observar uma série de práticas e recomendações aplicadas por empresas que têm prosperado no mercado.

Atualização diária de dados

Geralmente, os sistemas de apoio à decisão se diferenciam pela “temperatura” dos dados que fornecem. Em situações normais, essa medição funciona com base em três tipos de decisões: as operacionais, que trabalham com dados quentes (da última hora), as táticas, que atuam com dados mornos (última semana ou último mês); e as estratégicas, com dados frios (do último trimestre ou semestre). Essa divisão tem feito menos sentido agora, principalmente, ao avaliar o histórico dos epicentros da crise na China até a chegada aos Estados Unidos.

No Brasil, a situação se agrava diariamente. Neste contexto, os dados de três meses atrás não são válidos para decisões estratégicas imediatas. Os impactos no faturamento, por exemplo, mudam todos os dias. As projeções de receita são instáveis. A gestão, mais do que nunca, tem acontecido sem piloto automático e sem ajuda de instrumentos. Então, como lidar com o despreparo? Uma das melhores alternativas é a revisão periódica das perspectivas de análise estratégica, quase que diariamente, mas para que isso aconteça é necessário contar com dados atualizados.

Diferenciar fatos de especulações

Temos observado uma tendência, com o agravamento da pandemia e a crescente dinamicidade do mercado, de relevância exagerada sendo empregada a informações nem tão embasadas, gerando reações e medidas desproporcionais. Com isso, os comitês de crise devem trabalhar com diferentes equipes e as interfaces para desenvolver uma visão calibrada, que se inicia com



esforço de classificação das informações. Fatos apurados permanecem inalterados por mais tempo que as especulações e, por isso, são pontos mais sólidos de ancoragem estratégica. É importante criar cenários na companhia, para que os times de TI trabalhem com as áreas de tomada de decisão na filtragem de dados e na criação de análises efetivas, conforme a capacidade de análise das organizações.

Reduzir ruído na comunicação

Períodos instáveis, como o atual, favorecem o aumento da ansiedade e disseminação de desinformação. É essencial que as empresas estabeleçam e reforcem canais consolidados de informação, constantemente atualizadas com a maior frequência possível. Como sempre, alinhamento de propósito favorece a autonomia de atuação. Uma solução viável é o trabalho em conjunto de departamentos de tecnologia com as lideranças, para criar e manter canais oficiais de comunicação, com maior transparência possível e atualização, para mitigar riscos de “crises artificiais”.

Intensificar o combate à burocracia

Empresas de grande porte costumam formar comitês a alçadas para aprovar e direcionar a comunicação, maximizando a eficiência, otimizando alocação e reduzindo o retrabalho. No atual cenário, entretanto, ações que não agreguem valor ou com importância questionável para a adição de valor devem ser combatidas. Os processos de comunicação precisam ser diretos e simplificados, pois, agora, errar e corrigir rápido é mais efetivo do que evitar que erros aconteçam. Assim, a recomendação às equipes de TI é para que afrouxem métodos, processos e

“Na gestão de times de TI, por exemplo, a confiança nos líderes é fundamental, ainda mais em um cenário cheio de complexidades e demandas por novas soluções, bem diferentes das antigas ou convencionais.”

regulações para acelerar a efetividade das ações.

A ênfase deve ser contínua

Especialização de atividades em departamentos chaves tende a gerar maior eficiência operacional e mitigar riscos. Porém, com processos que precisam ser ajustados em função do trabalho remoto, há o risco de sobrecargas e, eventualmente colapsos da infraestrutura. Deste modo, a centralização departamental, consequência da especialização geradora de eficiência operacional deve ser substituída pela distribuição do trabalho. A

ideia é eliminar pontos únicos de falha.

Desse modo, departamentos de TI precisam se ajustar para permitir que atividades específicas de determinados setores sejam executadas de forma descentralizada fazendo os ajustes necessários em aplicações e servidores. Além disso, em tempos de extrema experimentação, devem permitir algum crescimento de Shadow IT.

Estabelecer estruturas de decisão

Na maioria das empresas, os tomadores de decisão estão nos limites de suas capacidades. É imprescindível que estruturas novas de apoio à decisão sejam estabelecidas e, também, é urgente que empresas criem comitês “quase permanentes” de crise. As “salas de guerra” precisam ser formadas e mantidas com autonomia para fazer o que for necessário reduzindo atalhos. Além disso, é importante alinhar expectativas quanto ao prolongamento indeterminado do trabalho remoto.

(*) É CEO da empresa a EximiaCo e especialista com mais de 20 anos de experiência em arquitetura de software e desenvolvimento de soluções com alta complexidade ou de alto custo computacional. Tem como expertise o desenvolvimento de estratégias para a inovação.

Inscrições para programa de inovação aberta da Cemig SIM e do Fiemg Lab terminam esta semana

Termina hoje (29), o prazo para inscrições no programa de inovação aberta desenvolvido pela Cemig SIM, empresa com foco em soluções inteligentes em energia, em parceria com o Fiemg Lab, o CEMIG SIM Challenge FIEMG Lab. Voltado para startups e demais empresas de tecnologia, o programa propõe dois desafios estratégicos para os quais são buscadas soluções: Mobilidade Elétrica e Marketplace de Soluções Energéticas. “É uma oportunidade para startups e demais empresas com know how relacionado aos desafios se conectarem a grandes empresas, detectando problemas e oferecendo melhorias nos processos, otimizando-os, sejam eles estratégicos ou

operacionais”, explica o CEO da Cemig SIM, Danilo Gusmão.

As inscrições poderão ser feitas até sexta-feira por meio do link: www.fiemglab.com.br/challenge/cemigsim.

O primeiro desafio proposto no programa é o “Mobilidade Elétrica”, que busca parceiros com tecnologias e know how em mobilidade elétrica para desenvolvimento de iniciativa conjunta com foco no usuário final. O desafio “Marketplace de Soluções Energéticas”, por sua vez, está captando parceiros com tecnologias e know how em plataformas multilaterais para desenvolvimento de iniciativa conjunta com foco na oferta, comercialização e viabilização de projetos de soluções energéticas.

News @TI

Aplicativo de digitalização de rotinas é usado no controle de circulação de veículos

A startup InfoGO nasceu com o objetivo de digitalizar rotinas, consolidar dados e automatizar processos que agilizem os procedimentos internos de uma empresa. Diante do cenário atual de combate à COVID-19, o aplicativo pode facilitar a fiscalização de veículos em cidades com restrições, como São Paulo e grande São Paulo, ou em lockdown, como já estiveram Fortaleza, Belém e São Luís e está em discussão em várias outras regiões atualmente. No Ceará, por exemplo, foram quase 28 mil veículos abordados desde o início da operação de fechamento das vias, de acordo com o Gabinete de Gestão de Eventos Complexos (GCEC) do Governo do Ceará. Os condutores que não tiveram seus deslocamentos justificados foram orientados a retornar aos seus domicílios.



ITI lança núcleo voltado para execução de projetos que atendam as exigências da LGPD

O ITI – Instituto Tecnológico Inovação, anuncia a criação de um núcleo voltado para o entendimento e execução de projetos que atendam as determinações da Nova Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais. Dentro de sua estrutura o ITI possui o Departamento Científico de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação cuja responsabilidade é o planejamento e execução da política de inovação, além do desenvolvimento científico, educacional e tecnológico e, dentro deste departamento nasceu o Núcleo LGPD do ITI. O núcleo LGPD trabalha com profissionais certificados no assunto, pessoas que são referências técnicas em LGPD no Brasil, e em que o trabalho realizado em cada vertical é pautado por modelos e padrões internacionais de qualidade, bem como por referências técnicas mundiais no que diz respeito tanto à Lei Geral de Proteção de Dados no Brasil como em suas fontes, como a General Data Protection Regulation (GDPR) da União Europeia (<http://www.itinovacao.org.br/lgpd/>).

ricardosouza@netjen.com.br